

COMO ENSINAR LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS NÃO ALFABETIZADAS

Ricardo Santos David (FCU)

ricardosdavid@hotmail.com

RESUMO

Estudo sobre a relevância da motivação no ensino da língua inglesa. Abordam-se conceitos sobre motivação de uma maneira geral e em sala de aula, mostram-se sucinatamente diferentes tipos de motivação. Relaciona-se motivação e incentivo em sala de aula. Comentam-se os principais problemas que influenciam de forma negativa na aprendizagem de uma maneira geral. Apresentam-se meios que levam a uma boa aprendizagem da língua inglesa. Enfatizam-se os motivos que levam o educando a não aprender mesmo quando há motivação no cotidiano escolar argumenta-se que para haver uma boa aprendizagem não é necessário só o estímulo, mas também o interesse e desempenho do educando e educador. Sugerindo atividades, para a melhoria da qualidade de ensino da língua inglesa que conduza a resultados significativos na aprendizagem da mesma em especial por crianças não alfabetizadas.

Palavras-chave:

Motivação. Aprendizagem. Língua inglesa. Crianças não alfabetizadas.

1. Introdução

A fim de buscar subsídios para sua pesquisa, a linguística aplicada atua em vários ramos das ciências humanas. Atualmente, as pesquisas de ponta em linguística aplicada integram-se em áreas como a antropologia, a psicologia social a sociologia e educação. De fato, o estudo da linguagem permeia as relações humanas, quer sociais, psicológicas, econômicas ou filosóficas. Nesses domínios, a linguística aplicada interessa-se pelos estudos de aquisição de segunda língua.

Atualmente, falar mais de um idioma é uma questão de sobrevivência, crescendo a procura de cursos de idiomas, e a aprendizagem da língua inglesa desde a infância têm se tornado comum.

As investigações relacionadas à aquisição de segunda língua estendem-se a campos de análises bastante variados. Segundo Rod Ellis (1994, p. 2), a aquisição de segunda língua é um fenômeno complexo e multifacetado podendo assumir diferentes aspectos nas variadas culturas.

As variáveis afetivas contribuem para um dos aspectos que têm sido enfocados na aquisição de segunda língua nos ambientes pedagógicos.

Neste estudo a finalidade foi pesquisar a importância do ensino-aprendizagem da língua estrangeira voltado para crianças, em especial as não alfabetizadas tanto como instrumento social, e também para acesso a diferentes culturas.

O aprendizado de uma segunda língua desde cedo é bastante comum na maioria dos países. Atualmente, ser fluente em mais de um idioma é praticamente um critério de sobrevivência. A língua está diretamente ligada à identidade e à cultura das pessoas. (VIEIRA, 2008, p. 34)

Nesta pesquisa as perguntas norteadas foram para saber quais as vantagens e desvantagens do ensino aprendizagem da língua inglesa para crianças não alfabetizadas? - Como a formação do professor influencia nesse processo?

Neste estudo buscou-se base para analisar a importância da língua inglesa para crianças ainda não alfabetizadas e verificar as abordagens de ensino para esses alunos. Incentivando o professor em sua prática profissional, ao relacionar suas práticas pedagógicas com seu comportamento.

2. *Motivação no ensino da língua inglesa para crianças não alfabetizadas*

A motivação é uma energia interior importante no desenvolvimento do ser humano assim como na aprendizagem, o ato de se instruírem-se línguas ativas e não passivas. Não se trata de se refrear a um tratamento, mas sim de edificar uma capacidade.

Onde não é o professor que doutrina nem o método que funciona; o aluno é quem aprende. Por isso, a motivação no aprendizado de línguas é um elemento chave. (SCHÜTZ, 2006)

Segundo Claudino Piletti (2004) a motivação é fator principal da aprendizagem. Podem acontecer de ter aprendizagem sem professor, livro, escola e amostra de outros recursos. Mas mesmo que tenha todos esses itens, pois não se houver motivação não haverá aprendizagem.

No entanto, no ensino de línguas, especialmente da língua inglesa, nota-se, apesar de sua estima para a aprendizagem, a motivação nem

sempre recebe a devida aplicação do professor, observa-se que os artifícios usados geralmente são os mesmos utilizados há anos atrás: aulas repetitivas, monótonas, cansativas e sem muita criatividade. O estudante, normalmente do turno noturno, já vem para a escola cansado e exausto querendo algo diferente, diversificado e acaba se deparando com a mesmice de todo dia. O resultado é um alto nível de desinteresse por parte dos alunos, pois falta aí o que ele está procurando: motivação para estudar e aprender.

A motivação no processo ensino/aprendizagem é de suma importância para uma boa aprendizagem, principalmente de uma língua estrangeira, pois o estudante muitas vezes tem a falsa ideia de que não será capaz de aprender, então cabe ao educador, professor de língua estrangeira, motivar esse aluno e mostrar que ele é capaz. Motivar nem sempre é tarefa fácil, requer muita criatividade e disposição por parte do professor para conseguir esse objetivo e por essas mesmas razões ouve-se muito dos educandos reclamações pela desmotivação em sala de aula.

Para Claudino Piletti (2004) é muito mais fácil providenciar um manual, transmitir a matéria, cobrar nas provas, dar notas, como geralmente se faz nas escolas. Procurar motivar os alunos sobre a matéria, a fim de que estudem de forma independente e criativa, é muito mais difícil. Mas, nesse caso, os resultados serão gratificantes a professores e alunos, pois, ao final do processo, todos se sentiram realizados. Partindo dos argumentos supracitados ocorreu o pensamento de realizar um estudo voltado para o tema: "A Relevância da Motivação no Ensino da Língua Inglesa: uma nova perspectiva de aprendizagem", tendo em vista que motivar requer criatividade por parte do professor, nem sempre é tarefa fácil, frequentemente é deixada de lado devido ao comodismo ou mesmo falta de tempo e que a falta da mesma é resultado de muitos fracassos em sala de aula independente da disciplina ministrada.

Guiando-se ainda nos argumentos ora mencionado pretende-se mostrar o valor da motivação para um bom ensino e tentar auxiliar professores interessados no assunto para o seu uso diário em sala de aula.

Sugerir atividades com base na experiência de sala de aula e nos artigos lidos e comentados que venham prestar auxílio a professores que necessitarem de esclarecimento e ajuda sobre o tema tratado favorecendo o bom desempenho no ensino da língua inglesa levando em consideração a constante motivação em sala de aula e abrindo-se espaço para questionamentos e para o surgimento de novas questões a ele relacionadas, uma

vez que se trata de um assunto de interesse amplo e de relevada importância. O trabalho aqui apresentado será de natureza teórico, dissertativo, com base apenas em referencial teórico de autores e, portanto, não se utilizará levantamento de dados, sujeitos, coleta de dados ou análise de dados.

3. Aprendizagem na sala de aula

É necessária uma reflexão para entender a conscientização da prática docente, por ainda existirem muitos profissionais que não se preocupam com uma educação contínua, não vendo a sala de aula como um local onde o professor analisa ações e conhecimento para aperfeiçoar o aprendizado. (SCHÖN, 2000)

De acordo com Marilda do Couto Cavalcanti, (2009, p. 180):

Afinal, já paramos para refletir o que é formar um professor de línguas? Querem-se educação ou treinamento? Ou quem sabe adestramento? Os professores são vistos como recipientes passivos daquilo que lhes ditam os especialistas. Assume-se que o professor deve ser 'treinado' para se tornar um ser não pensante, não emancipado.

Na interação entre professor-aluno, o ensino deve ser contextualizado, sendo modificado sempre que possível para uma melhor interação. Reciclando o aprendizado sempre que possível a cada novo estudo, pois, o conhecimento é perecível. (LEFFA, 2001)

A interação no ensino de língua estrangeira para crianças reforça a necessidade de afetividade, motivação e autoestima da criança, acerca da oralidade indica ainda que a língua materna seja um dos instrumentos de mediação no ensino-aprendizagem de outra língua. (ROCHA, 2009)

Segundo Jonathas de Paula Chaguri (2004) quando se acredita que o ensino da língua inglesa para crianças deva ser lúdico devemos nos ater ao vocabulário, pois servirão de base para uma aprendizagem mais concreta devendo ser aprendido através de imagens, músicas, fantoches, representações etc. O profissional em sua formação não só armazena e aplica conteúdos, pois o conhecimento está em constante mudança, por isso a importância de avaliar e atualizar seus conhecimentos.

Este estudo foi justificado para pesquisar as abordagens pedagógicas voltadas para crianças, à oportunidade que têm de adquirir conhecimento e, uma nova língua mais cedo. Dessa forma, cabe aos professo-

res de língua estrangeira buscar a melhor abordagem e aperfeiçoamento para oferecer um melhor ensino de acordo com a necessidade.

4. *Facilitadores da aprendizagem*

O educador que opera no ensino da língua inglesa habitua-se diariamente com a desmotivação dos estudantes com semelhança à sua aprendizagem, são numerosas as reivindicações e fatores que desencadeiam esse grupo, desde o empenho ao preconceito com afinidade à língua inglesa, que é latente no habitual escolar, acreditam que, de certa forma, é uma disciplina dispensável, que dificilmente irão usá-la. Cabe ao educador que opera nesta ciência desmistificar esse mito em analogia ao uso e utilidade da língua inglesa.

Mas sem motivação, não existirá aprendizagem. Faz-se imprescindível uma prévia motivação para que o colegial se sinta acordado para o ensino. Entretanto, não adianta perseverar e tentar impor um conteúdo, se o seminarista não estiver motivado ele não vai instruir-se, por mais que o professor idealize formas diferentes para conduzir seu conhecimento e, recompensas e penalidades também não resolvem, se o educando não quiser estudar. Quando isso ocorre, o professor enfrenta o desafio de desvendar a razão da desmotivação e precisar tentar resolver esse obstáculo para poder conseguir o seu objetivo, que é o ensino e aprendizagem da língua estrangeira.

Assim, faz-se adequado dizer que, não é incomum o professor sentir-se inábil e fracassado quando percebe que não conseguiu seus objetivos, que seus alunos não aprenderam, quando os mesmos apresentavam tudo para instruir-se: muita motivação e aulas criativas. Então, o instrutor se pergunta: O que deu errado? O que aconteceu? Muitas vezes o instrutor não tem responsabilidade no resultado que conseguiu, houve motivação, mas o colegial, talvez só naquele período, não se deixou estimular, não achou importante o que estava sendo analisado e podem-se enumerar vários motivos: problemas individuais, stress, atenção voltada para outra matéria, etc, ou puramente não querer estudar mesmo por pensar que já sabe aquilo que a docente está lecionando. Mas, a suspeita do professor continua seu batente neste caso foi ameaçado, ele precisa encontrar outra aula criativa para tentar trazer esse educando para o que está sendo avaliado, é sua responsabilidade, não envolve se o educando não se sente motivado e não quer estudar.

Veja o que afirma Claudino Piletti (2004, p. 232-243) sobre motivação em sala de aula:

(...) apesar de sua importância para a aprendizagem, à motivação nem sempre recebe a devida atenção do professor. É muito mais fácil providenciar um manual, transmitir a matéria, cobrar nas provas, dar notas, como geralmente se fez nas escolas. Procurar motivar os alunos a fim de que se interessem pela matéria, a fim de que estudem de forma independente e criativa, é muito mais difícil. Mas, nesse caso, os resultados serão muito gratificantes para professores e alunos, pois, ao final do processo, todos se sentirão realizados.

É imprescindível que qualquer aula ministrada pelo professor tenha objetivos direcionados para atender as necessidades do educando para que o mesmo sintase motivado a aprender, e que essa motivação e interesse atravessem as paredes da sala de aula e, que continue no seu cotidiano. Se as metas propostas atenderem às expectativas do aluno, ele com certeza satisfará suas necessidades de aprendizagem.

No entanto, na sala de aula, não é suficiente que os alunos participem de várias atividades dispersas, sem sentido. É necessário que essas atividades sejam orientadas para objetivos que satisfaçam necessidades individuais e, melhor do que garantir que o professor deva determinar o aluno, é dizer que ele deve proporcionar objetivos apropriados para a satisfação dos motivos.

Dificuldades no processo de aprendizagem:

“(...) a aprendizagem é gradual, isto é, vamos aprendendo pouco a pouco, durante toda a nossa vida”. Portanto, ela é um processo constante, contínuo. Cada indivíduo tem seu ritmo próprio de aprendizagem (ritmo biológico) que, aliado ao seu esquema próprio de ação, irá construir sua individualidade. (DROVEL, 1990)

Aprender alguma coisa, principalmente outra língua necessita de interesse, motivação, incentivo e também da capacidade e do ritmo de cada um, pois todo ser humano tem um ritmo nato, que é uma característica só sua. Não adianta o professor impor e cobrar um resultado quando este não condiz com o acompanhamento do aluno, isso deve ser respeitado e observado pelo educador. Forçar uma aprendizagem sem observar o ritmo dos alunos certamente levará ao fracasso escolar.

Na escola, deve o professor atentar para as fases do desenvolvimento do aluno, estando na posição de facilitador da aprendizagem e baseando seu trabalho no acatamento mútuo, na confiança e no afeto.

Como afirma Carl Ransom Rogers (1997, p. 53), devendo estabelecer em seus alunos uma relação de ajuda, atento para as maneiras de quem ajuda e para a percepção de quem é auxiliado.

As diferenças individuais levam alguns indivíduos a serem mais lentos na aprendizagem, enquanto outros são mais rápidos. A aprendizagem é, portanto, um processo pessoal, individual, o que leva a pensar que existe uma escala que mede o nível de aquisição de conhecimentos em cada sala de aula. Os problemas de aprendizagem referem-se às situações difíceis enfrentadas pelo ser humano dito normal ou com algum tipo de desvio em aprender alguma coisa. Não é raro ocorrer de um estudante frequentemente ser identificado como portador de problemas de aprendizagem quando este não consegue realizar o é esperado de uma programação de ensino. Seja porque ele fica atrelado a mecanismos que tenta reproduzir sem êxito, apesar de saber, até mais do que o professor está ensinando, falta-lhe meios para se expressar.

O que se encontra presentemente no ensino de inglês são fatores desmotivacionais como salas de aula lotadas, professores limitados, cobrança através de análises de avaliação que nada avaliam. Fatores desmotivacionais observados tanto na organização de escolas de ensino médio, onde a catequização de inglês parou no método de tradução e gramática do princípio do século, como nos cursos privados de línguas, que pararam no método audiolinguístico dos anos 60. Não apontando resultados imediatos e motivadores não permitindo ao aluno que adquira a proficiência desejada, gerando frustração destruindo a motivação.

Também o individuo que não se identifica com a língua estrangeira, normalmente por falta de maior informação, estará desmotivado a aprender a língua estrangeira.

Conclui-se então que, em vez de nos incomodarmos em motivar nossos alunos, devíamos nos encorajar mais para que não desmotivem. Caso não despertar a motivação de forma natural para o exercício de línguas, pelo menos, não destruí-la, preservando-a para a oportunidade certa.

5. Considerações finais

No presente artigo científico vimos que a leitura possui grande importância para o desenvolvimento da sociedade de um modo geral, pois nas sociedades modernas a importância dada ao conhecimento é

grande e o mesmo – pelo menos o formal, aquele tido dentro da escola – se obtém através da leitura.

A exigência de uma segunda língua se faz necessária para que esse conhecimento possa ser usufruído, tendo o processo de globalização como o exigente da necessidade de uma pessoa ter que falar uma segunda língua para atuar plenamente no mercado de trabalho.

Nesse sentido, vimos que muitas vezes o conhecimento da língua é mais necessário no que concerne à especificidade da área de estudo e de trabalho do aluno. Desse modo, o ensino de uma segunda língua de modo instrumental se faz de extrema necessidade, principalmente no que concerne à língua inglesa.

Podemos concluir, então, que é expressiva a participação do ensino de língua instrumental, na metodologia de ensino de línguas estrangeiras modernamente. Entretanto, devemos observar que o profissional, para atuar nessa área, necessita de conhecimentos teóricos para que possa comunicar com segurança contribuindo para a aquisição de maior confiança, e autonomia da leitura. Muito da abordagem instrumental vem ocorrido nas instituições de ensino como inglês com finalidade acadêmica. Não podendo esse professor esquecer que deverá atuar como: pesquisador, elaborador de curso e avaliador. Alertando ao público que, não está centrado na habilidade da leitura, mas dependendo da necessidade do aluno, pode fazer parte do planejamento desse profissional.

Concluimos que existem mais vantagens do que desvantagens sobre a aprendizagem da língua inglesa para crianças não alfabetizadas e que, o professor tem grande responsabilidade nesse processo. No estudo em questão foi observado que a maioria dos professores se submete a um treinamento para exercerem a prática, o que sugere uma maior dificuldade para o exercício da prática reflexiva.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. MEC/Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Língua estrangeira*. Brasília: MEC/SEF, 1998. BRASIL. p. 37

CAVALCANTI, Marilda do Couto. *Reflexões sobre a prática como fonte de temas para projetos de pesquisa para a formação de professores de*

LE. In: ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. (Org). O professor de língua estrangeira em formação. Campinas: Pontes. 2009. p. 179-184

CHAGURI, Jonathas de Paula. *A Importância do ensino da língua inglesa nas séries iniciais do ensino fundamental*. 2004

ELLIS, Rod. *Study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

LEFFA, Vilson José. *Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras*. In: _____. (Org.). *O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão*. Pelotas, 2001, p. 333-355. Disponível em: <<http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/formacao.pdf>>.

PILETTI, Claudino. A motivação da aprendizagem. In: _____. *Didática geral*. 23. ed. São Paulo: Ática, 2004, p. 232-243.

ROGERS, Carl Ransom. *Tornar-se pessoa*. Trad.: Manuel J. C. Ferreira. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SCHUTZ, Ricardo E.; KANOMATA, Takano. *English Made in Brazil*. 2006. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk.html>>.

VIEIRA, Cristiana. Cultura em estéreo. *Revista discutindo língua portuguesa*, São Paulo, vol. 2, n. 10, p. 32-38, 2008.